

EDITORIAL

Penitenciam-se os brasileiros por até agora somente poucos compatriotas terem se interessado pela história da pátria-mãe – Portugal. Grave erro, porque sem o absoluto saber desde, pelo menos, a época do descobrimento do Brasil ao de sua emancipação política fica-se carente de subsídios para o melhor entendimento de seus altos e baixos. Tal não se passa com os hispano-americanos, que cultuam as suas origens, preservando os laços culturais com os antigos colonizadores espanhóis, revigorados ainda no limiar do terceiro milênio, sem prejuízo do orgulho nacional de cada país.

O cronista espanhol López de Gómaras, na *História Geral das Índias*, escrita em 1552, considera os descobrimentos ibéricos das rotas oceânicas das Índias Ocidentais e Orientais como o maior acontecimento desde a criação do mundo, após a encarnação e a morte do seu Criador.

O famoso economista escocês Adam Smith, quase duzentos anos mais tarde, repetia a mesma coisa, apenas com outras palavras: “A descoberta da América e a do caminho para as Índias Ocidentais, através do Cabo da Boa Esperança, são os dois maiores e mais importantes feitos de que se tem notícia na história da humanidade.”

O Brasil, este país de dimensões continentais, é a maior obra da civilização portuguesa.

Gómaras e Adam Smith estavam certos. Mesmo nestes dias de viagens interplanetárias, da globalização e da *Internet*, muita gente esquece que Portugal abriu as portas do mundo aos europeus ocidentais e que os portugueses tiveram oportunidade de dominar os três continentes – África, América e Ásia – antes de os espanhóis, holandeses e ingleses seguirem as suas pegadas e o vasto império lusitano desmoronar por escassez de recursos financeiros e humanos. De todos os grandes impérios ocidentais, só o português manteve uma extensão territorial como a do Brasil até quase o final do século XIX e conservou sua influência desde o Extremo Oriente, em Macau, a Goa, na Índia, ao Timor, na Indonésia, à África Ocidental. Portugal foi o primeiro e último império europeu, tendo trocado o domínio político-econômico de terras espalhadas pelo mundo afora por bases de uma comunidade de países com mais de 200 milhões de pessoas que falam a língua portuguesa. Aguarda-se sair da retórica e passar à ação.

Esse império, construído por uma nação pequena e pobre, provocou um impacto arrebatador na história das civilizações graças à sua atlanticidade, à sua vocação marítima, assim como aos conhecimentos técnicos, ao arrojo, à bravura e à tenacidade do seu povo. Valendo-se da arte da construção naval e dos instrumentos de navegação herdados de árabes e judeus, os portugueses produziram navios cujas manobrabilidade e artilharia superaram de longe aos daquele tempo, e traçaram derrotas com espantosa precisão para a época. Os sonhos do Infante D. Henrique não se concretizaram por

acaso. Os descobrimentos, está comprovado, foram bem planejados e audazmente empreendidos. A força motora que compeliu os portugueses aos mares tórridos nunca dantes singrados resultou da vontade de propagação da fé cristã aliada à de exploração do planeta desconhecido em busca de riquezas materiais. A Europa veio a controlar o comércio das especiarias e a desfrutar da suntuosidade da laca, das sedas e das porcelanas vindas do Oriente por intermédio dos marinheiros portugueses, da mesma forma que o Brasil, a China e o Japão travaram conhecimento com armas de fogo e com a cruz de Cristo pelas mãos de capitães e missionários oriundos de Lisboa. A contribuição trazida à educação e à proteção dos silvícolas pelos religiosos lusos nunca foi tão grande como no Extremo Oriente e no Brasil. As expedições e explorações geográficas resultantes de suas viagens marítimas deram maior avanço à cultura ocidental européia e os aquedutos e as fortificações ainda hoje espalhados nos quatro cantos do globo atestam o valor da arquitetura e da engenharia portuguesas.

Não se pode negar heroísmo e glória aos grandes capitães lusos cantados nos imortais versos de *Os Lusíadas*, embora reduzidos benefícios hajam trazido à Coroa portuguesa.

A despeito de o historiador inglês contemporâneo C. R. Boxer afirmar que os portugueses eram extremamente racistas e de ter existido em Lisboa o mercado de escravos mais atroz da Europa, há de se reconhecer a tolerância racial em se miscigenar no Brasil, em Goa, em Moçambique e em Angola.

Pagando terrível preço, esta raça de homens de ferro e vontade de aço mudou o curso da história nos séculos XV e XVI, dominou os mercados mundiais, forjou os alicerces industriais da futura Europa e desenvolveu a cultura que ensinou oportunidade de novo tipo de vida à humanidade.

Privaram-no das riquezas de suas conquistas, mas não se consegue tirar de Portugal a façanha extraordinária de um país, na época tão pequeno e tão pobre, com uma população total de aproximadamente um milhão de habitantes ao término da Idade Média, haver gravado indelevelmente seu nome na história universal por meio de sua nobreza, seu clero e seu povo, cujos traços de gente hospitaleira e tolerante jamais se encontraram em outras raças.

Permita-se lembrar que os brasileiros têm enorme dívida, impagável, para com os portugueses – a sua origem racial, a unidade territorial e lingüística mantidas com muito orgulho ao longo desses quinhentos anos, afora os costumes, a fé cristã e as tradições.

Por isso, num balanço dos malogros e realizações sobre o passado, sem otimismo nem pessimismo, deve-se abrigar um sentimento de orgulho da origem portuguesa, bem como exaltar as figuras históricas daqueles a quem muito se tem a agradecer, recordando Fernando Pessoa ao dizer que “para neles o passado e o futuro, dorme neles o presente”.

*Quem sua terra não faz senhora
Tê-la-á serva de outros senhores.*

(Trecho da saudação feita aos portugueses pelo Presidente do IGHMB, em Lisboa.)

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

Fundado em 7 de novembro de 1936

Órgão Consultivo Oficial da História Militar reconhecido pelo Governo Federal
(Decreto nº 27.512, de 28 de novembro de 1949 – DOU de 1º de dezembro de 1949)

Órgão de Utilidade Pública do Estado do Rio de Janeiro

(Lei 2.217, de 28 de agosto de 1973 – DO/RJ, de 30 de agosto de 1973)

CGC 30278931/0001-17

DIRETORIA ELEITA PARA O BIÊNIO 2001-2002

PRESIDENTE

Coronel Luiz Paulo Macedo Carvalho

1ª VICE-PRESIDENTE

Vice-Almirante Hélio Leôncio Martins

2ª VICE-PRESIDENTE

Coronel Joaquim Victorino Portella Ferreira Alves

1ª DIRETOR-SECRETÁRIO

General-de-Divisão Aureliano Pinto de Moura

2ª DIRETOR-SECRETÁRIO

Coronel Marco Antonio Cunha

1ª DIRETOR-FINANCEIRO

Tenente-Coronel (Int Aer) Aleyr Lintz Geraldo

2ª DIRETOR-FINANCEIRO

Economista Marcos Ribeiro Corrêa

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Coronel Arivaldo Silveira Fontes

SUPLENTES

Engenheiro Christóvão Dias de Ávila Pires Jr.

Professor Guilherme de Andrea Frota

Coronel Virgílio da Veiga

CONSELHO FISCAL

General-de-Exército Jonas de Moraes Correia N.

General-de-Exército Pedro Luiz de Araújo Braga

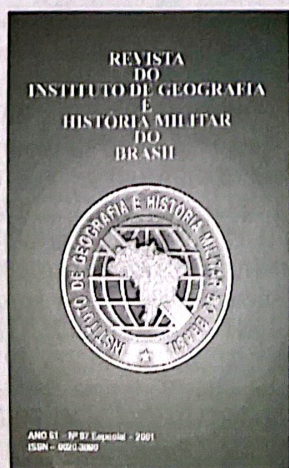
Almirante-de-Esquadra Arlindo Vianna Filho

SUPLENTES

General-de-Divisão Carlos de Meira Mattos

General-de-Brigada Newton Bonumá dos Santos

Coronel Amerino Raposo Filho



NOSSA CAPA

Ilustra a 1ª capa o anverso do medalhão do IGHMB em ouro, sobre um fundo azul, cor heráldica que representa a sabedoria.

**SIMPÓSIO COMEMORATIVO
DOS**

**500 ANOS
DE HISTÓRIA MILITAR
LUSO-BRASILEIRA
1500-2000**

1ª Fase

Rio de Janeiro

4 a 6 de setembro de 2000

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL
COMISSÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA MILITAR
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO
ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA
BIBLIOTHECA DO EXERCITO

PROGRAMA

<i>Segunda-feira, 4 de setembro</i>			
Manhã			
9h30min	Aposição de flores no Monumento a Pedro Álvares Cabral	15h	Tarde Visita à Ilha Fiscal
10h30min	Visitas de cortesia	<i>Quarta-feira, 6 de setembro</i>	
Tarde		Auditório Pedro Calmon, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro	
Auditório General Professor Jonas Correia, da Bibliotheca do Exército		Manhã	
15h	Abertura Cel Art e EM Luiz Paulo Macedo Carvalho, Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil	9h30min	1º Ten Wagner Alcides de Souza da Bibliotheca do Exército Historiografia da História Militar Luso-Brasileira
15h30min	500 Anos de História Militar Luso-Brasileira Ten Gen Manuel Freire Themudo Barata, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar	10h	Gen Bda Newton Bonumá de Santos, do IGHMB O Exército Brasileiro nas Primeira e Segunda Guerra Mundiais
	Três Marcas Deixadas pelo Brasil em Portugal	10h30min	Intervalo
16h	Intervalo	10h45min	Maj Brig Ar Ivo Gastaldoni, do INCAER Ação da Força Aérea Brasileira na Campanha do Atlântico Sul
16h15min	Prof Dr José Arthur Alves da Cruz Rios, do IGHMB O Soldado Luso-Brasileiro	11h15min	Mesa Redonda – Mediador: Cel Arivaldo Silveira Fontes, do IGHMB
17h	Vinho de Honra	Tarde	
<i>Terça-feira, 5 de setembro</i>		15h	Ten Gen Silvino da Cruz Cunha, do Exército de Portugal As Operações no Sul do Brasil em 1767: "uma guerra ridícula de subalternos"?
Instituto de Geografia e História Militar do Brasil		15h30min	Cel Manuel Carlos Teixeira do Rio Carvalho, do Exército de Portugal Uma Tragédia Brasileira
9h30min	V Alm Armando de Senna Bittencourt, do IGHMB A Marinha do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança	16h	Intervalo
10h	Dr Christóvão Dias de Ávila Pires Junior, do IGHMB 500 Anos de Engenharia Militar	16h15min	Prof Dr Antônio Dias Farinha da Academia Portuguesa de História O Conflito Mundial entre Portugal e a Holanda na Segunda Metade do Século XVII
10h30min	Intervalo	16h45min	Mesa Redonda – Mediador: Prof Dr Arno Wehling, Presidente do IGHMB
10h45min	V Alm Hélio Leôncio Martins, do IGHMB Influência Portuguesa na Formação da Marinha Imperial	Encerramento	
11h15min	Mesa Redonda – Mediador: Gen Div Aureliano Pinto de Moura, do IGHMB		